

ONIRU UBUNTU: UMA CONCLAMAÇÃO ONÍRICA À PARTILHA DOS SONHOS QUE TÊM DE SER PARTILHADOS PARA A TRANSFORMAÇÃO DOS ESTADOS DE OPRESSÃO, por Alexandre Mate¹.

Uma das determinações fundantes do sujeito histórico teatro de grupo, além de despertar os sentidos de beleza e de solidariedade das comunidades para as quais a obra é criada e apresentada, concerne às suas funções estético-pedagógicas. Além do contato com a linguagem e com beleza estética, ao ser criada por tal sujeito coletivo, tendo aterramento ao seu tempo e local histórico-geográfico, um espetáculo tende a trazer ensinamentos de algo novo (tantas vezes de nós escondido). Nos processos de troca propostos pela obra espetacular alguns e essenciais portais, em direção àquilo que ancestralmente nos diz respeito, podem ser abertos e estimular em direção às nossas origens enquanto família e comunidade.

Trata-se do segundo espetáculo que assisti do valoroso e combativo, para além do estético, Coletivo Teatral Bando Jaçanã com direção de Antonia Matos. Teatro épico e comunitário, formado em 2015, a partir de curso ministrado na ação Fábrica de Cultura. O título da obra, cuja dramaturgia foi criada por Nathalia Catharina e integrantes-criadores/ras do Bando Jaçanã, para ser “compreendido” (e para quem tem a curiosidade com as palavras), pressupõe um desafio a partir dos significados dos dois substantivos a partir dos quais o tempo se manifestaria pela potência do sonhar para vencer os obstáculos. De modo bastante sumário, se derivado do hebraico, e com conotação religiosa, *oniru* tem o sentido de comportamento impetuoso, grosseiro; mas pode também significar condição de alguém que se caracteriza como “pupilo do Senhor”... como derivativo provável, a palavra onírico, refere-se à potência do sonho e do sonhar, possivelmente se adequa melhor à traduzibilidade deste primeiro vocábulo. O segundo vocábulo (*ubuntu*), de origem africana, concerne, também, a comportamento social por meio do qual se pode e é preciso ser generoso, solidário, nutrir real compaixão para com o semelhante, desejar e promover a felicidade, a harmonia e a humanidade entre os seres humanos.

Em uma de suas criações (a música *Prelúdio*), Raul Seixas afirma que “Sonho que se sonha só/ É só um sonho que se sonha só/ Mas sonho que se sonha junto é realidade”. Provavelmente por meio de tal potência e capacidade de ajuntamento, às vezes, a humanidade consegue alguma vitória contra todos os tipos de opressão, renovadas permanentemente.

Na resenha apresentada pelo Bando: “Omama [qu se refere a terra Yanomami] é uma pele de terra ao sul do Equador, habitada pelos Mundurobás. Em Omama a terra, o ar, a água e o fogo são seres, têm coração e respiram. Os ancestrais desta terra também estão vivos e

¹ Nascido em Vila Anastácio (bairro operário da Zona Oeste da cidade de São Paulo); Mestre em Teatro e doutor em História Social (ambas as formações) pela USP; professor do programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp; pesquisador e autor de textos sobre as práxis teatrais.

falam através das Oniris, as pedras da memória. Um submarino chega à pele de terra e, diante de tal invasão, Mundurobás resistem”. Trata-se, portanto, de uma obra de guerra e de resistência.

Formado por onze integrantes, a cena se desenvolve, desigualmente, mesclando belos momentos a outros, tecnicamente, problemáticos. Trata-se de obra (como precisa ser) panfletária. Desse modo, é preciso enfrentar o inimigo que invade um determinado local onde se encontra um povo ancestral, mas, no processo de enfrentamento aos invasores, os gritos impedem a compreensão do texto. Nesse sentido, ainda, as variações prosódicas das personagens (algumas vezes mais esganiçadas), do mesmo modo, impedem a compreensão. Portanto, seria fundamental um processo de recolocação da voz, afinal, existe um texto que, se imagina, deva ser ouvido.

Do ponto de vista dramático, a narrativa se estrutura a partir do processo de invasão da comunidade ancestral, mas, vez ou outra, outros assuntos da contemporaneidade (acidente de Mariana, assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes), mesmo conexos ao processo de denúncia demandariam outros tipos de inserção.

O grande destaque do espetáculo, pode-se afirmar, encontra-se na força e entrega interpretativa do coletivo de intérpretes, sobretudo quando em proposição coral. A reunião de Agatha Tosta, Andressa Oliveira, Daniel Huiris, Fellipe Sótnas, Lara Perri, Karolayne Oyá, Marcelo Evans, Moni Bardot, Ruby Máximo e Thiago Marchetto, nomes que constam do programa da 6ª edição da “Mostra de Teatro Heliópolis: a Periferia em Cena” tem efetiva e emocionante força. Realmente é verdadeiramente belo e forte assistir a crença passada pelo conjunto. Do ponto de vista individual, Lara Perri se caracteriza em significativo destaque.

Quanto à visualidade, Julio Dojcsar criou a coreografia da obra e Silvana Marcondes foi a responsável pelo vibrante figurino que, nos momentos de dança, evolução e deslocamento mais acelerados criam bonitos desenhos.

Por último, durante a roda de conversa ocorrida após a apresentação do espetáculo, as pessoas que se manifestaram, à exceção de Luiz Carlos Moreira, elogiaram o espetáculo. A última das pessoas a falar afirmou que sem se referir a algumas questões técnicas apontadas por mim e Moreira, que o espetáculo a emocionou. É mesmo assim, uma obra artística (talvez como qualquer outra manifestação humana) desencadeia distintas apreensões, por isso o mundo segue, avança!